
*“Olha a faca de bom corte!”: aproximações
histórico-literárias
à violência no Rio Grande do Sul*

*Cesar Augusto Barcellos Guazzelli**

*“Olha a faca de bom corte, olha o medo na garganta
O talho certo é a morte, no sangue que se levanta
Onde havia um lenço branco, brota um rubro de sol por
Se o lenço era colorado, o novo é da mesma cor
Quem mata chamam bandido, quem morre chamam herói
O fio que dói em quem morre, na mão que abate não dói”*

*“Era no tempo das revolução
Das guerra braba de irmão contra irmão
Dos lenço branco contra os lenço colorado
Dos mercenário contratado a patacão
Era no tempo que os morto votava
E governava os vivo até nas eleição”*

*“Era no tempo dos combate a ferro branco
Que fuzil tinha mui pouco e era escassa a munição
Era no tempo do inimigo não se poupa
Prisioneiro era defunto e se não fosse era exceção
Botavam nele a gravata colorada
Que era o nome da degola nesses tempo de leão”*

(“COLORADA” – Aparício Silva Rillo e Mário Barbará Dornelles)

* Trabalho apresentado originalmente na mesa-redonda “História e violência na América Platina”.
** Professor Adjunto no Departamento de História e no PPG em História da UFRGS.

A volta da “gravata colorada”

A canção Colorada foi apresentada na sétima edição (dezembro de 1977) da Califórnia da Canção Nativa, o primeiro e mais importante dos festivais de música gauchesca que proliferaram no Rio Grande do Sul, especialmente nos anos 70 e 80. Ao contrário dos movimentos análogos, que na Argentina e no Uruguai estiveram associados ao que se chamava genericamente *canción de protesta*, a poesia gauchesca no Rio Grande, com raras exceções, mantém o viés mais comum da literatura regionalista sulina de enaltecer o passado, identificando na figura do gaúcho as melhores qualidades humanas e, por extensão, reforçando as idéias da elite rio-grandense sobre o mundo idílico da estância.

Os festivais de música nativista eram das poucas expressões culturais permitidas nos “anos de chumbo” e, talvez, essa possibilidade de externar sentimentos regionalistas – decerto pouco afinados com os ideais do “país que vai pra frente” da ditadura militar – tenha-os tornado populares entre setores médios urbanos intelectualizados que até então viravam as costas para as manifestações gauchescas. Nesse sentido, a “Colorada” veio trazer uma contribuição incomum, na medida em que procurava resgatar um episódio pouco condizente com uma auto-imagem de bravura, orgulho e de amor à liberdade e ao igualitarismo que se difundiu entre os gaúchos do passado.

Na “Colorada” aparecia não o Rio Grande idealizado das “sentinelas do Brasil”, mas um Rio Grande cindido inapelavelmente entre “*os lenço branco contra os lenço colorado*”; também se evidenciavam não os “monarcas das coxilhas” e “centauros dos pampas”, mas as vítimas indefesas nas quais covardemente “*botavam a gravata colorada*” com suas “*facas de bom corte*”. As chacinas de noventa e três – episódios muitas vezes explicitamente negados pela historiografia tradicional por não serem dignos das nossas melhores tradições guerreiras – voltavam a assombrar como fantasmas insepultos, justamente em meio a criações artísticas que reverenciavam o passado sul-rio-grandense.

E os autores, Aparício Silva Rillo e Mário Barbará Dornelles, fronteirões de São Borja, eram tradicionalistas dos mais acatados em seu meio, com várias passagens pela Califórnia da Canção Nativa e outros festivais, e detentores de produções bastante respeitáveis. Talvez estivesse aqui uma espécie de “retorno do recalado” freudiano, talvez uma velada referência aos desmandos da ditadura militar, mas não é o caso de aprofundar essa discussão. De qualquer forma, dentre tantos significados

que a letra de “Colorada” poderia evocar, seleciono dois deles, tratando de salientar aspectos que as literaturas platina e sul-rio-grandense procuraram abordar.

O primeiro deles diz respeito a uma arraigada cultura política, historicamente cindida em dois pólos, dividindo os atores políticos em greis irreconciliáveis no Rio Grande do Sul:¹ sucederam-se Caramurus e Farroupilhas, Liberais e Republicanos, Pica-Paus e Maragatos, Borgistas e Assistas, PTB e ADP, etc. Pode-se supor que exista aí uma influência dos vizinhos platinos, entre os quais, após a Revolução de Maio de 1810, a radicalização política sempre foi a tônica: *unitarios* e *federales* nas Províncias Unidas do rio da Prata e na sucedânea Confederação Argentina, *blancos* e *colorados* no Estado Oriental do Uruguai depois de 1836. As alianças entre os caudilhos das diversas províncias – as unidades políticas de fato nesses tempos de complicado processo de construção dos Estados nacionais – associava grupos de diferentes bandos, que se faziam representar por lenços ou *cintillos* de colorações específicas: mais que opções por programas, seguiam-se bandeiras vermelhas e celestes, ou brancas e coloradas, e disso não fugia o Rio Grande de São Pedro.

O segundo aponta para uma cultura da violência, que muitos atribuem ao cotidiano das propriedades pecuárias. Em torno do couro e mais tarde do charque, a economia da *pampa húmeda* girou sempre em torno de verdadeiras hecatombes, cujo morticínio das reses conformava a rotina diária das estâncias. Por conta disso, haveria uma naturalização da morte violenta entre *gauchos* e gaúchos, cujas habilidades no uso do “ferro branco”, necessárias para *faenar* os gados, se estenderia para o âmbito da sociabilidade, seja para diversão *no más*, seja para resolver graves pendências envolvendo jogo, haveres e *chinas*. Entendida a guerra civil como uma continuidade da defesa da propriedade privada, onde os peões mais seguiam seus patrões do que manifestavam opções políticas próprias, e – decerto também porque “*fuzil tinha mui pouco e era escassa a munição*” – as armas brancas seguiam tendo um papel central para os guerreiros dos pampas, que se notabilizaram pelo uso de lanças e boleadeiras. E a degola apareceu como uma contingência desses cruentos embates, quando era impossível fazer prisioneiros e executá-los com a “dignidade” – ou ao menos a formalidade “civilizada” – de um pelotão de fuzilamento. Antítese do romantismo cavalheiresco construído sobre o gaúcho, a “gravata colorada” era uma consequência normal do mundo formado pela grande propriedade de criação.

Lenços e partidos: dos farrapos ao grenal

Ao que tudo indica, o uso dos lenços como insígnias políticas no Rio Grande do Sul deveu-se a influências platinas. Ao tempo da Guerra dos Farrapos, eram *federales* todos os governadores provinciais da Confederação Argentina, entre eles o poderoso Juan Manuel de Rosas, governador de Buenos Aires e representante da Confederação para assuntos externos. Em guerra permanente com os *unitários*,² proscritos e exilados, Rosas tornou obrigatório o uso da cor vermelha – *punzó*, um tom que puxava para o grená – para o partido *federal*, em oposição ao azul, adotado como cor pelos *unitarios*. Assim escreveu Sarmiento sobre essas bandeiras de uns e de outros:

Los colores argentinos son el celeste y blanco; el cielo transparente de un día sereno y la luz nítida del disco del sol; la paz y la justicia para todos. [...]¿Sabéis lo que es el color colorado?
[...] La reacción encabezada por Facundo y aprovechada por Rosas se simboliza en una cinta colorada que dice: ¡terror, sangre, barbarie!
[...] Toda la civilización se expresa en trajes, y cada traje indica un sistema de ideas entero. [...] (SARMIENTO, 1952, p. 87-88).

O autor associa a cor vermelha às hordas bárbaras da Ásia e da África, não por acaso presente nos pavilhões dos países islâmicos, como fundo para o “crescente do Profeta” (o alfange, mais um símbolo cruento nesta interpretação). Identificando os *federales* com esses povos, Sarmiento via aqui um sinal inequívoco da “barbárie” que diagnosticava na campanha platina como a essência dos males americanos. Nesse sentido, ele aponta Artigas como o introdutor desse costume: “Artigas agrega al pabellón argentino una faja diagonal ‘colorada’. Los ejércitos de Rosas visten de ‘colorado’. Su retrato se estampa en una cinta ‘colorada.’” (1952, p. 88).

Muitos anos depois do ciclo artiguista, o *colorado* se tornara o principal símbolo da Confederação Argentina e do federalismo em geral,³ por instâncias do governador de Buenos Aires Juan Manuel de Rosas: “Ultimamente, consagra este color oficialmente, y lo impone como una medida de Estado.” (p. 89). Colorado e sangue, barbárie e atraso, bandos e violência... Especialmente quando as faixas *coloradas* portavam os dizeres: “¡Viva la Federación! Mueran los Salvajes Unitarios. Viva el Restaurador de las Leyes!” Sarmiento ressignifica o uso da cor, tornando-a o símbolo da “barbárie” platina.

No Estado Oriental, o *Comandante General de la Campaña*, Fructuoso Rivera, iniciara em 1836 sua guerra contra o presidente uruguaio Manuel Oribe, que era aliado de Rosas.

O início da campanha de Rivera marcou o aparecimento dos partidos tradicionais da Banda Oriental. Inspirado em Rosas – que era chamado, ou se intitulava *Restaurador de las Leyes* – mas não querendo mostrar-se tão submisso a este, Oribe criara o Partido Nacional e tornara obrigatório o uso de divisas brancas com os dizeres “*Defensores de las Leyes*” ou “*Amigos del Orden*”. Em contrapartida, os seguidores de Rivera adotaram o azul celeste, cor dos seus aliados *unitarios*; como o anil, a tintura azul em uso, se desbotasse muito rapidamente, tornando-se quase branco em pouco tempo, foi substituído pelo *colorado*, que daria nome ao partido (PIVEL DEVOTO; PIVEL DEVOTO, 1945, p. 87). Assim, os *blancos* orientais eram aliados dos *federales* argentinos que usavam a cor *colorada*, e os *colorados* uruguaiois estavam associados aos *unitarios* que usavam o *celeste*! (Vale dizer que até o aparecimento do *Frente Amplio*, os partidos *Blanco* e *Colorado* foram hegemônicos no Uruguai.)

Os farrapos já tinham entronizado uma faixa colorada na bandeira da República Rio-Grandense, separando os campos verde e amarelo da bandeira imperial. Houve também um decreto tornando obrigatório o uso de cintas e faixas tricolores (verde, vermelho e amarelo) decerto difíceis de conseguir nessa época. Era mais fácil, pois, ao menos para a soldadesca portar uma camisa, lenço ou vincha colorada que um custoso pano com as três cores da República.

Apesar de alguns folcloristas opinarem que esse vermelho simbolizaria o sangue derramado pela guerra fratricida,⁴ parece mais lógico pensar que a cor estivesse relacionada com uma filiação pretendida pelos rebeldes aos revolucionários de maio de 1810 – por sua vez tributários da simbologia da Revolução Francesa – portadora então de um significado libertário; não está também fora de cogitação uma influência dos “carbonários” italianos presentes no movimento farroupilha. De qualquer modo, o lenço colorado foi uma divisa bastante popular entre os soldados republicanos:

De uso pessoal, o símbolo farrapo mais próximo de todos era o lenço no pescoço. Complemento da roupa em qualquer ocasião, o lenço passou a ser demonstração da identidade política. Antônio Augusto Fagundes, no texto *O Lenço Farroupilha*, diz que os rebeldes usavam um lenço vermelho de seda aberto,

com duas pontas soltas às costas e atado de modo peculiar à frente, quase como uma cruz sobre o peito. Feito uma vez, o nó não era mais desmanchado.

Há referências, nem todas confirmadas, sobre a existência de variações de cor e enfeites nos modelos de lenços, às vezes com listras azuis e brancas. Mas a marca clássica dos farrapos, símbolo da luta contra o Império brasileiro, era o lenço vermelho, com pontas nas costas e o nó no peito. O mesmo lenço vermelho tornou-se símbolo dos rebeldes de 1893 e de 1923. É uma constante no imaginário político gaúcho. (URBIM, 2001, p. 82).

Nem mesmo a paz com o Império interrompeu o uso desses símbolos de República e Federalismo associados à identidade provincial (ou, ao menos, à parte dela). Vale notar que na Guerra do Paraguai o regimento comandado pelo general Souza Netto – justamente quem proclamara a República após a batalha do Seival – conduzia não a bandeira do Império do Brasil, mas o pavilhão da República Rio-Grandense. Dessa forma, é natural que os federalistas na Revolução de 1893 tenham usado lenços colorados como insígnias, já que se consideravam legítimos herdeiros da tradição farroupilha,⁵ contrastando com os lenços brancos dos republicanos. E aqui mais confusão entre as cores, já que os “maragatos” do Partido Federalista, de lenços colorados, eram aliados dos *blancos* orientais: os irmãos Aparício e Gumercindo Saraiva – na verdade Sarabia, sobrenome castelhano – eram chefes *blancos* no Uruguai, e comandantes “maragatos” no Rio Grande; isso os obrigava a comandar – usando lenços brancos – toda uma soldadesca portadora de lenços colorados:

Gumercindo e Aparício, entretanto, jamais colocariam aquela cor ao pescoço, mesmo que estivessem indo para uma guerra. O lenço branco, símbolo do Partido Nacional, pelo qual eles haviam dado o sangue, nunca seria trocado pelo do antigo inimigo. Os dois irmãos, ao que parece, professavam um respeito sagrado aos símbolos. (RUAS; BONES, 1998, p. 145).

De qualquer forma, é bastante conhecido o apego a esses símbolos ainda nos dias atuais, com descendentes de “maragatos” e “pica-paus” recusando-se ao uso da cor dos adversários do passado, para o que contribuiu com certeza o morticínio de 1893, calculado, aproximadamente em, dez mil baixas. Uma das marcas dessa guerra civil foram as execuções sumárias, de parte a parte, onde as degolas

coletivas de prisioneiros – “pica-paus” no Rio Negro e “maragatos” no Boi Preto – faziam parte também de uma tradição platina. Ironicamente, decerto para estabelecer uma diferença para a dignidade dos lenços, a degola recebeu o macabro apelido de “gravata colorada”.

Permanece ainda um interessante corolário disso no terreno futebolístico, primeiro da capital, depois de quase todo o estado. Até 1909, o futebol em Porto Alegre era representado por dois clubes fundados por alemães em 1903, o *Fussball* e o Grêmio de *Football* Porto-Alegrense, que disputavam, numa única partida anual, a taça *Wunderpreiss*. Três comerciantes paulistas e de origem italiana, os irmãos Poppe, impedidos de se associar no Grêmio por não terem ascendência germânica, fundaram com outros amigos o *Sport Club* Internacional em 4 de abril de 1909,⁶ clube que se tornaria, ao longo do tempo, o grande rival do Grêmio.

Antes de 1915, o futebol difundira-se por todo o Rio Grande do Sul, e era muito representativo na fronteira, onde recebeu influências e aportes argentinos e uruguaios, já familiarizados com esse esporte desde 1880. O governo republicano viu nisso uma boa oportunidade para fomentar a integração do estado, e estimulou a formação de ligas e torneios, redundando no primeiro campeonato estadual de futebol no Brasil, ganho pelo Grêmio Esportivo Brasil, de Pelotas, em 1919.

Assim, quando os jovens vinham da fronteira para estudar em Porto Alegre, procuravam logo se integrar às atividades esportivas, entre elas as futebolísticas,⁷ e optar por uma das *hinchadas*⁸ da capital. Não se identificando com o Grêmio, ainda muito cioso do seu “germanismo”, o Internacional passou a ser uma escolha natural, o que foi reforçado pela cor clubística; não por acaso, a expressão castelhana *colorado* passou a designar o Internacional, da mesma forma que os lenços das gentes fronteiriças, majoritariamente “maragatas”. (JESUS, 2001, p. 215).

O mesmo apego às cores e a mesma tendência “bipartidária” da política transferiu-se para os campos de futebol, onde o colorado e o azul são irreconciliáveis. Aparentemente, a primeira manifestação de ojeriza à cor do adversário ocorreu no fim do campeonato regional de 1961, vencido pelo Internacional, mas com vitória do Grêmio no último Gre-Nal; nessa ocasião, Paulo Santana – que anos depois se consagraria como um comentarista esportivo identificado como gremista – desfilou vestido de Papai Noel... Azul! Ainda hoje aparecem roupas e bonecos de Papai Noel azuis; parece ser, salvo melhor juízo, uma peculiaridade do Rio Grande do Sul.

comicidade, não fosse a importância simbólica que carregam: 1) patrocinando todos os grandes clubes que disputavam o Campeonato Nacional de Futebol, não faz muitos anos, a Coca-Cola exigia o uso de sua conhecida marca – círculo vermelho com letras brancas – nas camisetas, o que foi prontamente rechaçado pelo Grêmio, que acabou recebendo autorização para o uso da marca na cor preta, decerto caso único no planeta; 2) por essa época, o então deputado José Fortunatti, ardoroso torcedor do Grêmio, obteve a concordância da direção nacional do Partido dos Trabalhadores, do qual fora um dos fundadores no estado, para o uso de uma bandeira azul, pois os gremistas do PT sentiriam muito desagrado em portar e sacudir uma bandeira vermelha; 3) e mais recentemente, o Banco do Estado do Rio Grande do Sul, patrocinador de Grêmio e Internacional, precisou mudar o seu logotipo tradicional de azul para vermelho, para que a marca pudesse aparecer nas camisetas e na sede de sua agência no estádio Beira-Rio!

Parece, pois, que a tradição platina dos lenços e das cores irreconciliáveis, porque representativa de campos políticos antagônicos, ainda tem guarida na província, mesmo que travestida de outras formas, como as citadas; esse caráter bipolar na política é uma característica ímpar do Rio Grande em relação aos demais estados brasileiros, e nela estão fortemente gravadas as marcas do passado dos “senhores da guerra” da fronteira e as influências que historicamente receberam do rio da Prata.

A “gravata colorada”: dos pampas aos sertões

As guerras foram marcantes na formação do espaço platino – incluindo aqui o atual Rio Grande do Sul – desde o período colonial, passando pela constituição dos Estados nacionais, e ainda se fizeram presentes na virada do século XX. A pecuária extensiva que caracterizou a exploração econômica da grande planície de aluvião formada pelos rios da Bacia do Prata ensejou um tipo de guerra adequado aos costumes e às habilidades dos seus habitantes: a “guerra de movimento” com o emprego de cavalaria ligeira:⁹ cargas de surpresa, retiradas rápidas, deslocamentos inesperados, fugindo quase sempre dos enfrentamentos e se prestando pouco à ocupação das praças tomadas; a isso os contemporâneos chamavam pejorativamente “guerrilhas”. Nelas havia o uso preferencial de armas brancas, especialmente as lanças, facilmente improvisadas com quaisquer pontas metálicas, não faltando facas, adagas

e facões para combates corpo a corpo. Laços e boleadeiras eram também comuns e muito temidos pelos adversários.

Assim, a guerra, de alguma forma, era uma continuidade do cotidiano daqueles que compunham as tropas irregulares ou *montoneras*,¹⁰ os trabalhadores das estâncias de criação, homens livres ou escravos libertos.¹¹ As mesmas habilidades exigidas nas lidas de campo – montar bem e destreza no uso das armas brancas – eram aquelas necessárias aos cavaleiros que formavam as milícias de então. Essa condição propiciou a construção de uma *leyenda negra* para os peões do campo: o convívio diuturno com a morte no cotidiano das estâncias teria feito dos gaúchos, soldados implacáveis, dando fim aos vencidos sem maiores problemas de consciência. Para alguns – como o folclorista uruguaio Fernando Assunção – a morte dos animais no cotidiano das estâncias era “algo tan natural, instantáneo y normal, de mínimo valor y simplicidad, como luego es comerlo”, despida de qualquer conotação de crueldade; mas como consequência dessa rotina, “la muerte de outro hombre se toma con la misma aparente frialdad, con la naturalidad, con el mismo fatalismo, si se prefiere”. (ASSUNÇÃO, 1958, 1959, p. 573).

Observe-se que fatalismo é uma qualidade atribuída pelos ocidentais aos muçulmanos; não é casual que, mesmo numa apologia do gaúcho do passado, Assunção revele alguns dos pressupostos de Sarmiento. Já esse autor em “Facundo”, conferiu aos gaúchos do século XIX uma propensão para o uso indiscriminado das armas brancas não apenas nos trabalhos da pecuária como também nos momentos de ociosidade, causando confusões e tumultos nos lugares públicos, o que seria uma segunda etapa do seu “aprendizado” para a “barbárie”. Tais duelos teriam por vezes caráter apenas competitivo, “sin otro interés que medirse con un desconocido; juega a las puñaladas, como jugaría a los dados”, buscando como prêmio apenas “marcarlo, darle una tajada a la cara, dejarle una señal indeleble”. (SARMIENTO, 1952, p. 42).

Essas disputas terminariam no “primeiro sangue” de um dos contendores, e há diversos exemplos na literatura sul-rio-grandense. Em “Deve um Queijo!...”, Simões Lopes Neto descreve um castelhano provocador, que se porta “como para dar mote a algum dito, e ele retrucar, e, daí, nascer uma cruzada de facões, para divertir, ao primeiro coloreado...” (LOPES NETO, 1976, p. 41-42). Outro duelo desse tipo, mas com motivação diversa é apresentado por Barbosa Lessa em “O Boi das Aspas de Ouro”: aqui se tratava de selecionar, entre muitos, um peão que “*fosse valente – jogando o “primeiro sangue” com três queras,*

sem receber arranhão”. (LESSA, 1978, p. 53). Também com objetivos diferentes, o capitão Rodrigo Cambará tentou, sem sucesso, marcar sua inicial na testa do inimigo Bento Amaral. (VERÍSSIMO, 1972).

Claro está que as lutas de adaga nem sempre mantinham esse caráter “esportivo”. Em sua obra canônica, José Hernández mostra o início da carreira de Martín Fierro como *gaucho malo*, ao provocar e depois matar um negro em uma *pulperia*: “Me hirvió la sangre en las venas / Y me la afirmé al moreno / Dándole de punta y hacha / Pa dejar un diablo menos. Por fin en una topada / En el cuchillo lo alcé / Y como un saco de güesos / Contra un cerco lo largué.” (HERNÁNDEZ, 1945, p. 211). Poucos dias depois, Fierro cometeu seu segundo homicídio,¹² desta vez respondendo às provocações de outro paisano: “Y ya salimos trensaos / Porque el hombre no era lerdo – / Mas como el tino no pierdo / Y soy medio ligerón, / Lo dejé mostrando el sebo / De un revés con el facón.” (p. 216).

Os duelos singulares costumavam estar também associados a questões passionais, como mostram os contos “Negro Bonifácio” (p. 19) e “Jogo do Osso” (p. 101) de João Simões Lopes Neto, onde tais delitos são atribuídos mais a questões de honra e brio do que a um perfil de delinqüência dos gaúchos. Nesses casos, a sociedade “bárbara” dava ao criminoso possibilidades de proteger-se buscando a proteção de pessoas importantes nessas sociedades agrárias desde que fosse bem relacionado. Segundo Sarmiento, tais guaridas a gaúchos de passado nebuloso faziam parte de um sistema de lealdades pessoais típico da “barbárie”, e as *montoneras* se constituíam em grande parte desses homens fora-da-lei:

Si sucede una “desgracia”, las simpatías están por el que desgració; el mejor caballo le sirve para salvarse a parajes lejanos, y allí lo acoge el respeto o la compasión. Si la justicia le da alcance, no es raro que haga frente, y si “corre la partida”, adquiere un renombre desde entonces, que se dilata sobre una ancha circunferencia. (SARMIENTO, 1952, p. 43).

Essas características – os abates de animais no cotidiano, os duelos de adagas nas *pulperias*, as milícias de cavalaria ligeira – mostravam que nos homens dos campos platinos o trabalhador e o guerreiro eram indissociáveis, e para quem a morte violenta fazia parte do dia-a-dia, podendo ser até uma questão de honra. “Juca Guerra” de Simões Lopes

Neto é um exemplo literário disso: “Aquilo, era para ficar na coxilha, picado de espada, rachado de lanças, mas não para morrer como foi, aperreado em cima da cama, o corpo besuntado de unturas, a garganta entupida de melados e pozinhos dos doutores!...” (p. 117). Não era diferente o pensamento do Capitão Rodrigo Cambará, um dos personagens mais populares de *O Continente*: “*Cambará macho não morre na cama!*” (VERÍSSIMO, 1972, p. 47).

A guerra era o corolário da formação do gaúcho: peão campeiro, matreiro, guerreiro! A morte sangrenta tornava-se intrínseca à plebe rural, a ponto de haver uma quase-sinonímia para as palavras que designavam os homens do campo e os criminosos.¹³ Mas se nesta sociedade era “natural” – ou até preferível – a morte violenta, não se pode afirmar o mesmo em relação à execução de prisioneiros de guerra pela degola.¹⁴ Diferentemente da guerra ou do duelo, as vítimas indefesas se degradavam como as mais inermes das criaturas, e essa morte desonrosa tem pouco a ver com a dignidade apregoada para aquela que pode suceder nos campos de batalha aos verdadeiros guerreiros.

Fernando Assunção destaca uma situação em que a degola poderia ter um caráter “humanitário”, no caso de poupar sofrimentos desnecessários para adversários ou mesmo companheiros muito feridos após os combates, ou com risco de caírem em mãos inimigas:

Hay una actitud archiconocida del gaucho en el combate (personal o colectivo), la llamada “despenar” al mal herido, que há sido señalada muchas veces como demostración de su crueldad o de su espíritu sanguinario. Todo lo contrario. El gaucho realiza con ello, a su juicio, un acto de piedad: “despenar” es liberar, liberar del dolor, esclavitud de la carne y del espíritu. Nunca se rehusa este “servicio” ni al compañero caído, ni al adversario vencido. Muchas veces se degolló a los prisioneros por necesidad. (ASSUNÇÃO, 1958, 1959, p. 574).

Hernández representou assim o fim que Martín Fierro deu às “penas” do índio contra quem combateu quando servia militarmente na fronteira: “Ay no más me tiré al suelo / Y lo pisé en las paletas – / Empezó a hacer morisquetas / Y a mezquinar la garganta – / Pero yo hice la obra santa / De hacerlo estirar la geta.” (HERNÁNDEZ, 1945, p. 182). Já no conto “Por Pena”, Darcy Azambuja relata o desespero dos irmãos Juvêncio e Quirino após uma batalha, com o primeiro muito ferido e insistindo para que o outro “apurasse” o seu fim:

O Quirino, já meio transtornado, agarrou a faca. E foi o outro que estendeu o pescoço, e foi a mão do outro que apertou a dele que tremia... O sangue esguichou na mão do que matava de pena. [...] Tinha que ser assim. Matou, mas de pena, mas de bom, para não ver um ente, que era irmão, padecer mais. (AZAMBUJA, 1960, p. 77-78).

Mas as degolas que se propagaram por todo o rio da Prata não se revestiam desta forma de “eutanásia”. Em seu diário, o enviado da República Rio-Grandense ao Estado Oriental, Antônio Vicente da Fontoura – a tais alturas estava muito cioso de uma pacificação com o Império – atribuía aos orientais esse costume, escrevendo (26 de janeiro de 1844) que era animalesca “a ferocidade dos partidos que, no país Oriental, enxovalhando a humanidade, se degolam, ao aprazimento de seus mesquinhos e envilecidos tiranos”. (FONTOURA, 1984, p. 34). Alguns meses depois (28 de junho), perguntava se tanto “colorados” como “blanquillos” não eram “muito mais desgraçados do que o mais vil Charrua, o mais abjeto Minuano?” (p. 98).

Não é de admirar, pois, que Sarmiento, ao imputar o diagnóstico de “barbárie” a caudilhos e seus seguidores, afirmasse que seus hábitos sanguinários tinham raízes na sociedade rural de então: “Rosas no ha inventado nada; su talento ha consistido sólo en plagiar a sus antecesores, y hacer de los instintos brutales de las masas ignorantes un sistema meditado y coordinado fríamente.” (1952, p. 45). Mais adiante atribui a Rosas o uso corriqueiro da degola como um dos tantos costumes que assumia para melhor comandar a plebe rural:

El ejecutar con el cuchillo, “degollando” y no fusilando, es un instinto de carnicero que Rosas há sabido aprovechar para dar todavía a la muerte formas gauchas, y al asesino placeres horribles; sobre todo, para cambiar las formas “legales” y admitidas en las sociedades cultas, por otras que él llama americanas y en nombre de las cuales invita a la América a que salga en su defensa [...]. (SARMIENTO, 1952 p. 48).¹⁵

Estebán Echeverría, outro dos mais significativos representantes da *generación de 1837*, faria em “*El Matadero*” uma das mais conhecidas peças contra a “barbárie” *federal*, identificando na invasão de uma turba famélica a um matadouro a presença de toda a violência intrínseca aos gaúchos, incentivada por Rosas. Assim descreveu a cena:

El espectáculo que ofrecía entonces era animado y pintoresco, aunque reunía todo lo horriblemente feo, inmundado y deforme de una pequeña clase proletaria peculiar del Río de la Plata. [...] En torno de cada res resaltaba un grupo de figuras humanas de tez y raza distinta. La figura más prominente de cada grupo era el carnicero con el cuchillo en la mano, brazo y pecho desnudos, cabello largo y revuelto, camisa y chiripá, y rostro embadurnado de sangre. A sus espaldas, caracoleando y siguiendo sus movimientos, una comparsa de muchachos, de negros y mulatas achuradotas, cuya fealdad trasuntaba las harpías de la fábula [...]. (ECHEVERRÍA, 1999, p. 157-159).

Numa única tarde, no exíguo espaço do matadouro, o autor associa esta *chusma* aos *federales*, representante por excelência dessa “barbárie”. O clímax da narrativa foi o assassinato de um jovem que inadvertidamente passava pelo local e foi identificado como *unitário* e inimigo político do governo. Sempre gritando as palavras de ordem “*Viva la federación*”, “*Viva el Restaurador*”, “*Mueran los salvajes unitarios*”, a plebe do matadouro comete as mais baixas tropelias. (p. 158). Echeverría assim concluía:

En aquel tiempo, los carniceros degolladores del Matadero eran los apóstoles que propagaban a verga y puñal la federación rosina, y no es difícil imaginarse qué federación saldría de sus cabezas y cuchillas. Llamaban ellos salvaje unitario, conforme la jerga inventada por el Restaurador, patrón de la confradía, a todo el que no era degollador, ni carnicero, ni salvaje, ni ladrón; a todo hombre decente y de corazón bien puesto, a todo patriota ilustrado, amigo de las luces y de la libertad; y por el suceso anterior puede verse a las claras que el foco de la Federación estaba en el Matadero. (1999, p. 173).

Bem mais recentemente, Jorge Luís Borges em *O outro duelo* faz da degola o clímax central de uma ação passada numa das tantas insurreições do caudilho *blanco* Aparício Sarabia. Dois antigos desafetos, Cardoso e Silveira, formavam com os *blancos* e, na véspera de um combate decisivo, “Cardoso conseguiu chegar arrastando-se à tenda do chefe e lhe pediu em voz baixa que, se ganhassem no dia seguinte, reservasse para ele algum colorado, porque até então não degolara ninguém e queria saber como era.” (1976, p. 66). No entanto, os inimigos foram vitoriosos, e

ordenada a morte dos prisioneiros, coube a Cardoso e Silveira disputarem uma “carreira” macabra depois de executados em pé pelos degoladores:

Pardo, vaidoso do que ia fazer, caprichou na mão e deu um corte vistoso que ia de uma a outra orelha. O correntino contentou-se com um pequeno talho. Das gargantas brotou um jato de sangue, os homens deram uns passos e caíram de bruços. Cardoso, na queda, estirou os braços. Ganhara a corrida e talvez jamais soubesse disto. (1976, p. 90).

A degola é também o tema do conto “Noventa e três”, de Lessa. O autor aborda dois dos episódios mais marcantes da Revolução Federalista de 1893: o massacre do rio Negro, onde foram executados 300 prisioneiros republicanos, e a revanche do Boi Preto, quando foram chacinados 370 “maragatos”. No primeiro episódio, o principal personagem foi o negro Adão Latorre, e a motivação para a matança coletiva seria a presença entre os “Pica-paus” de muitos mercenários uruguaios, para os quais não se dava quartel.¹⁶ Lessa descreve como “eficientes, rápidos e, principalmente silenciosos”, dois tipos de degola:

Maneados, com as mãos às costas, o prisioneiro era obrigado a ajoelhar-se; então o degolador vinha por trás, montava em seus ombros, e com a mão esquerda puxava-lhe o cabelo para cima e, com a mão direita, levava-lhe a adaga ao pescoço, seccionando com dois cortes as carótidas. Ou o condenado, também com as mãos amarradas às costas, era deitado ao chão; o carrasco sentava sobre suas coxas, calcando-lhe o queixo com o taco da bota; assim, o queixo ficava bem levantado e era mais fácil correr o fio da adaga à “moda crioula”, isto é, de uma orelha a outra orelha. (1978, p. 137).

Em *A cabeça de Gumerindo Saraiva*, Tabajara Ruas e Elmar Bones realizaram uma importante pesquisa sobre a Revolução Federalista de 93, mostrando mais alternativas aos métodos anteriormente citados, como degolar “por dentro” ou “por fora”:

Por dentro, quando enfiava a faca atrás de traquéia e dava um golpe seco para a frente, atorando-a, e pegando as jugulares e a carótida. Por fora, simplesmente seccionando essas veias e artérias e a traquéia, produzindo o esguicho forte do sangue,

borbulhante pela mistura com o ar, e com os roncos feios e gemidos num arquejar de suprema ânsia [...]. (RUAS; BONES, 1998, p. 198).

Aquelas duas situações descritas por Lessa correspondem ao método “por fora”, ao passo que o “por dentro” é exatamente aquele utilizado no abate de ovelhas. Os autores ainda acrescentam aquela forma mais cruel que motivou o já citado conto de Borges: “Numa estranha variação do espetáculo macabro, também ‘atendia’ a vítima de pé. E gostava de ver o pobre-diabo de mãos amarradas nas costas, ainda dar uns passos à mercê dos movimentos medulares e involuntários, até cair de borco no chão... estrebuchando [...]”. (1998, p. 198).

A vingança dos republicanos no Boi Preto não foi menos truculenta. Aprisionados 377 maragatos, 45 trocaram de lado e foram poupados; para os restantes “infelizes, em sua maioria rudes peões de fazenda ou pobres ervateiros e madeireiros, que nem sabiam por que estavam morrendo” não houve comiseração:

Na pressa, porque o serviço era muito, alguns dos carrascos nem esperavam que o condenado ajoelhasse, ou se deitasse para receber a bota nos queixos: a adaga relampejava com o vivente ainda de pé, e o defunto ainda dava uns quatro ou cinco passos, cambaleantes, espirrando sangue em volta até esborrachar-se no chão. (p. 140).

Corolário pouco conhecido da violência platina, também na Campanha de Canudos a degola se fez presente, levada pelos cavalarianos que o coronel Carlos Teles comandou. (CUNHA, 1902, p. 317). Esses lanceiros assumiram algumas funções ímpares no teatro de operações: primeiramente como exploradores, pelo deslocamento rápido a cavalo (p. 320); também um papel muito importante foi a procura e captura de reses, visto que o abastecimento das tropas estava numa situação muito precária (p. 336); e a mais surpreendente delas, o ataque inicial das defesas do arraial por duas brigadas de cavalaria (p. 322-323). Essas contribuições foram seguidas de uma quarta, bem menos nobre:

Chegando à primeira canhada encoberta, realizava-se uma cena vulgar. Os soldados impunham invariavelmente à vítima um viva à República, que era poucas vezes satisfeito. Era o prólogo invariável de uma cena cruel. Agarravam-na pelos cabelos,

dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na. (p. 439).

Mesmo que isso fosse uma prática da soldadesca comum, com um passado facinoroso na Revolução Federalista, era aparentemente tolerada pelas autoridades; no seu romance sobre Canudos, Vargas Llosa escreve que “el General Oscar se dice que es justa la política de degollar a todos los Sebastianistas que caen prisioneros”. (1981, p. 463), como vingança às atrocidades cometidas pelos jagunços. Isso está de acordo com as informações de Euclides da Cunha: “Tínhamos valentes que ansiavam por essas cobardias repugnantes, tácita e explicitamente sancionadas pelos chefes militares.” (1902, p. 439). Prática pouco usual na Bahia, a “gravata colorada” foi uma bizarra e macabra forma de influência cultural dos sul-rio-grandenses aos sertanejos.

Lenços e gravatas: encaminhando conclusões

A literatura platina – da qual a sul-rio-grandense é tributária – forjada nas disputas políticas do século XIX, consagrou o diagnóstico de “barbárie” para os homens do campo, seguidores dos caudilhos que combateram a organização nacional centralizada que pretendiam as elites de Buenos Aires. O longo ciclo de guerras civis se explicava pela repulsa às normas “civilizadas”, e a destruição dos gaúchos era uma necessidade na busca da ordem política e da riqueza econômica. Essa “tese” defendida no *Facundo*, de Sarmiento, serviu de apoio para uma grande produção pelos liberais argentinos – Echeverría, Vicente López, Mitre, entre tantos – e difundiu-se pela Banda Oriental e pelo Rio Grande. Em contrapartida, a “antítese” seria trazida por autores que fizeram dos gaúchos os heróis da gesta americana no Rio da Prata, atribuindo suas guerras tenazes a uma luta desesperada pela sobrevivência, como foi o caso ímpar do poema “Martín Fierro”, de Hernández.

Era tão marcante a identificação de hábitos rudes, por vezes violentos, no cotidiano desses homens, que a literatura “gauchesca” – que se desenvolveria como uma produção muito original na Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul – os incorporou e, de alguma, os forma naturalizou a partir do enfrentamento com a natureza, que se estendia também para os campos de batalha. A “síntese” somente seria alcançada após a domesticação dos gaúchos no fim das guerras civis,¹⁷ e a violência passa

a ser tratada como reminiscência do passado. Terminado o perigo representado pela “barbárie”, podia-se folclorizar o gaúcho.

Mas a degola ainda persiste como um forte significado: mesmo os maiores apologistas dos gaúchos do passado fazem sua condenação, e ainda são persistentes as associações feitas entre o pastoreio e a facilidade para matar seres humanos, numa espécie de treinamento no ato de fazer o sangue correr. Quando tais idéias surgiram? Esta é uma questão ainda sem resposta, que exigiria estudos muito mais aprofundados. De qualquer forma, elas não estão presentes nas duas grandes tradições culturais formadoras da “civilização ocidental”, a greco-romana e a judaico-cristã. Os sacrifícios animais estiveram presentes no cotidiano da Antiguidade clássica, quando, por certo, a vida humana – ao menos de escravos e prisioneiros de guerra – não recebia maiores cuidados. Também no Antigo Testamento há inúmeros exemplos de sacrifícios, todos bem-vindos pelo Senhor: a fumaça dos animais abatidos pelo pastor Abel subia direta aos céus, enquanto aquela produzida pelos vegetais do lavrador Caim rastejavam pelo solo. E o próprio Deus dos cristãos fez de seu filho o Cordeiro, imolado pela Salvação da humanidade.

É paradoxal, portanto, identificar os bandos guerreiros que circulavam pelo espaço platino com as hordas orientais – sejam elas formadas por hunos, tártaros, cossacos, árabes, berberes ou turcos – pois nas melhores tradições do Ocidente existem os antecedentes tão condenados. É possível que isso fizesse parte de uma construção imaginária do Oriente que justificasse plenamente a rapina das principais nações européias no processo de partilha do mundo que se desencadeou na disputa imperialista do século XIX.¹⁸ Da mesma forma, a criação da “barbárie” cumpria um papel de legitimação da “civilização” que estendia seus longos braços para dominar os nascentes Estados nacionais que se formavam na América.

Nesse sentido, parece inapropriado pensar como mais “civilizadas” as sociedades européias, ao menos no seu trato com a vida e com a morte, a menos que se assuma como mais adequadas as execuções pela força ou pela guilhotina, ou que fossem justos os massacres realizados entre populações conquistadas – presença inglesa na Índia, por exemplo – ou mesmo entre os que contestavam as desigualdades sociais – caso da Comuna de Paris, por exemplo. É certo que os gaúchos tiveram características peculiares como guerreiros, que tinham íntima relação com condições também específicas nas lides das estâncias. Peões de “a cavalo”, mais milicianos guardando as propriedades móveis dos patrões,

viam nas guerras a quase-continuação dos trabalhos rotineiros. O mesmo ginete que arriscava a vida diariamente com as reses *cimarronas*, comparecia como cavaleiro invulgar nas *montoneras*, manejando a lança com a mesma habilidade que o fazia com laço e boleadeiras. E nessas sociedades onde era mister o uso da adaga afiada para courear ou carnear as reses, também era o facão que definia quem era o melhor no “primeiro sangue”, ou quem sobreviveria a uma “torá” por desaforo, dinheiro ou mulher. Matar reses ou matar homens fazia parte da existência de todos.

Mas aí há uma grande diferença entre uns e outros. É verdade que os estancieros-comandantes vez por outra eram também vítimas dos excessos, mas não se tem notícia de algum morticínio em massa quando entregues e/ou à mercê dos adversários vencedores. De modo geral, para os patrões ficavam os lenços, insígnias quase-sagradas; para a plebe rural, por baixo dos lenços aplicavam a “gravata colorada”.

Notas

¹ Isso independentemente do número de organizações políticas oficialmente existentes; de maneira geral, as definições são polarizadas entre um e outro partido, ou uma e outra associação ou “frente” de partidos.

² Os *federales* defendiam uma organização política que preservasse as autonomias provinciais, e os *unitarios* propunham uma forte centralização política, com um governo nacional em Buenos Aires sobreposto aos caudilhos provinciais.

³ O vermelho que aparecia nas bandeiras de Artigas, na Banda Oriental, e de Güemes, em Salta, era aquele dos jacobinos e *sans-cullottes* da Revolução Francesa, significando liberdade.

⁴ Pouco provável, visto que na época da proclamação da República Rio-Grandense houve poucos combates, e era relativamente pequeno o número de baixas.

⁵ Eram comuns as famílias que tiveram combatentes farroupilhas no ciclo de 1835, na campanha de 1851-1852, na Guerra do Paraguai e “maragatos” na Revolução Federalista de 1893; um dos principais chefes, Joca Tavares, lutou em todas elas.

⁶ Era também um clube de elite; sua popularidade só aconteceria nos anos 30, depois de absorver associações menores de futebolistas negros, que passaram cada vez mais a fazer parte de suas equipes e a predominar na torcida. O nome *Internacional* significava que o clube estava aberto para italianos, portugueses,

espanhóis, judeus e até alemães, bem como a seus descendentes.

⁷ Até a década de 40, os esportes mais populares em Porto Alegre eram as regatas e o ciclismo. O futebol ocupava o terceiro lugar nas preferências locais.

⁸ Expressão castelhana para “torcida”, usada nessa época pelos órgãos de imprensa.

⁹ A cavalaria ligeira foi introduzida na Península Ibérica quando da invasão e conquista islâmica em 711; foi adotada com modificações pelos reinos cristãos e difundiu-se pela América durante a conquista.

¹⁰ Expressão usada pelos realistas, cercados em Montevideo, para denegrir as forças irregulares artiguistas; derivada de *montón*, chusma, plebe. (ANSALDI, 1976, p. 127).

¹¹ Na invasão luso-brasileira da Banda Oriental em 1811 já havia a presença de lanceiros negros, o que é indicativo da existência de escravos nos trabalhos da pecuária.

¹² A morte do índio quando serviu na fronteira fez parte dos seus deveres como soldado, logo não foi considerada como um ato criminoso.

¹³ Em castelhano aparecem no século XIX: *matrero*, *cuatrero*, *malo*, *vago*, *vagabundo*, *vagamundos*, *hombre suelto* e também *gauderio* e *gaucho*. Diversas delas tiveram uso no Rio Grande do Sul.

¹⁴ Degola é o nome vulgar para “esgorjamento”, que é o ato de seccionar

com instrumento cortante ambas as artérias carótidas, juntamente com as veias jugulares e a traquéia. A morte se dá rapidamente pela perda de sangue.

¹⁵ Ironicamente, Sarmiento defende o fuzilamento como uma pena capital “civilizada”. No entanto, sequer menciona que no país que escolheu como paradigma da “civilização”, a França, a execução dos condenados à morte se fazia pela guilhotina, por certo tão ou mais cruenta que a degola.

¹⁶ Latorre, ele próprio nascido em Rivera, identificava a nacionalidade dos vencidos pedindo “*que o condenado dissesse ‘doiz pauzinhos’ ou alguma palavra com a letra portuguesa jota*”. (LESSA, 1978, p. 136).

¹⁷ A idéia de que a partir de uma “tese” de Sarmiento e de uma “antítese” de Hernández surgiu a “síntese” de Güiraldes com seu “Don Segundo” é do escritor argentino Leopoldo Lugones.

¹⁸ Sobre essa “invenção” do Oriente é lapidar o livro *Orientalismo*, de Edward W. Said.

Referências

- ANSALDI, Waldo. Montoneras. *Vários: términos latinoamericanos para el diccionario de ciencias sociales*. Buenos Aires: Clacso-Ildis, 1976.
- ASSUNÇÃO, Fernando O. El Gaucho. *Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay*, Montevideo. t. XXIV, p. 370-918, 1958-1959.
- AZAMBUJA, Darcy. *No Galpão*. Porto Alegre: Globo, 1960.
- LESSA, Luiz Carlos B. *Rodeio dos ventos*. Porto Alegre: RBS; Globo, 1978.
- BORGES, Jorge Luís. *O informe de Brodie*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: Campanha de Canudos*. São Paulo: Círculo do Livro, 1902.
- ECHEVERRÍA, Estebán. *La cautiva: el matadero*. Buenos Aires: Emecé, 1999.
- FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845*. Caxias do Sul: Educ; Sulina; Martins, 1984.
- HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Buenos Aires: Estrada, 1945.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *A bola nas redes e o enredo do lugar: por uma geografia do futebol e do seu advento no Rio Grande do Sul*. 2001. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo, 2001.
- LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- PIVEL DEVOTO, Juan E.; PIVEL DEVOTO, Alcira Ranieri de. *Historia de la República Oriental del Uruguay (1830-1930)*. Montevideo: R. Artagaveytia, 1945.
- RUAS, Tabajara; BONES, Elmar. *A cabeça de Gumerindo Saraiva*. São Paulo: Record, 1998.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo o civilizacipón y barbarie*. Buenos Aires: Sopena Argentina, 1952.
- URBIM, Carlos. *Os Farrapos*. Porto Alegre: Zero Hora, 2001.
- VARGAS LLOSA, Mario. *La guerra del fin del mundo*. Barcelona: Seix Barral, 1981.
- VERÍSSIMO, Érico. *Um certo Capitão Rodrigo*. Porto Alegre: Globo, 1972.